

Diferenças no cotidiano familiar de crianças da zona urbana da capital do Estado de São Paulo e do Oeste Paulista

Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento

*Ana Claudia Antonio
Luciana Mara C. Andrioti
Maria Elisa Pereira Lopes*

Alunas do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Geraldo A. Fiamenghi Júnior

Professor do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

A família contemporânea tem sido alvo de inúmeros estudos. O papel da família ao longo da história tem-se transformado, surgindo novas configurações. O presente trabalho evidencia um estudo comparando 73 crianças da zona urbana da capital do Estado de São Paulo e do Oeste Paulista. As premissas que embasam a referida pesquisa revelam a importância do cotidiano da família na construção de relações afetivas significativas na vida social da criança.

Palavras-chave: Família. Criança. Cotidiano.

INTRODUÇÃO

A origem etimológica da palavra família advém do vocábulo latino *famulus*, que significa servo ou escravo, sugerindo que primitivamente considerava-se como sendo um conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa. Para Osório (1996, p. 25),

essa raiz etimológica nos revela a natureza possessiva das relações familiares entre os povos primitivos, desta forma, a mulher devia obedecer seu marido, como seu amo e



MACKENZIE

senhor, e seus filhos pertenciam a seus pais, a quem deviam suas vidas. A noção de posse e a questão do poder estão, portanto, intrinsecamente vinculados à origem e evolução do grupo familiar.

Durante a Idade Média, a família era mantida em silêncio e parece que não havia a necessidade de um sentimento amoroso para que se configurasse como tal. Durante os séculos XV e XVI o marco foi o nascimento e o desenvolvimento do sentimento de família, deixando apenas de ser vivida sem muita importância: a família agora toma formas definidas, pais e filhos, com valores e engrandecidos pelas forças das emoções.

Podemos compreender este sentimento como o sentimento da infância, pois está em jogo a reunião entre os pais e filhos, e não mais as preocupações com a honra, integridade do patrimônio. Esta convivência carregou-se de peculiaridades, e mais comumente eram observadas as semelhanças físicas entre pais e filhos. Segundo Áries (1978, p. 223) “no século XVII, pensava-se que São José se parecia com seu filho adotivo, salientando-se assim a força do laço familiar”.

Já no século XVIII, pode-se salientar o encantamento do sentimento de família, através de um belíssimo trecho de um tratado sobre o casamento, sob tradução francesa de 1714 (ERASMO apud ÁRIES, 1978, p. 224),

Só nos pode causar admiração o cuidado surpreendente da natureza nesse ponto: ela pinta duas pessoas num mesmo rosto e num mesmo corpo; o marido reconhece o retrato de sua mulher em seus filhos, e a mulher, o do marido.

Observamos a admiração com a imagem da criança, a emoção despertada por esta criança, a imagem viva dos pais refletida em um ser. Sendo assim, percebemos a evolução do sentimento de família, que, ao longo da história, permitiram estabelecer novas organizações, trazendo em seu bojo a definição de papéis vividos na família.

Atualmente o tema família tem sido alvo de incansáveis discussões, o que nos faz refletir sobre o que é a família e sobre o que está acontecendo com esta estrutura que fundamenta o cotidiano das pessoas em uma sociedade.

A ambigüidade vivida pelas famílias atualmente pode ser compreendida em decorrência dos acontecimentos históricos, como o ocorrido na década de 1960, que ocasionou transformações nas relações afetivas da época, com a possibilidade do uso pelas mulheres da pílula anticoncepcional. A tônica da década de 1970 foi a liberdade sexual e como terrível consequência, temos nos anos 1980, a ameaça da AIDS.

Uma mistura de liberdade impensada e paradoxo, bases estruturais abaladas, fadadas ao inesperado, a família que até então tinha fundamentos sólidos, princípios, crenças, rituais, recebe o impacto de alterações fatídicas em seu cotidiano e as relações jamais seriam as mesmas.

Com o advento do divórcio, esta fase marcada por tantos acontecimentos propiciou e incentivou, de alguma maneira, o interesse de estudiosos no que diz respeito à busca de compreensão sobre o efeito dos vínculos familiares em suas mais variadas constituições e suas novas formas de convívio.



Macedo (1994) clarifica a família como espiral, em constante movimento, tornando-se possível identificar que cada membro influencia diretamente o outro e, reciprocamente, também é influenciado, instalando, assim, o cotidiano familiar.

A vivência da família na entrada do século XXI revela-nos um novo giro nessa espiral, obrigando-nos a uma leitura deste momento da evolução humana.

Reiteramos que a família é, e permanecerá neste sentido, um *locus* privilegiado de relações humanas onde podemos viver aprendizagens significativas, testando e aprimorando nossos modelos de convivência, com o objetivo de um melhor aproveitamento dos potenciais humanos que levem à organização de uma sociedade mais justa, harmônica e que promova o bem estar coletivo.

MÉTODO

As escolas que participaram do estudo inscrevem-se na zona urbana dos dois municípios; a escola da capital do Estado de São Paulo localiza-se no centro da cidade, recebe crianças do Ensino Fundamental I. As crianças que freqüentam esta escola vivem em seu entorno, em sua maioria de baixa renda.

O município de São Paulo perfaz um total de 10.434.252 habitantes, e a densidade populacional por quilômetro quadrado de 6.915 pessoas, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2000. A taxa de crescimento populacional geométrico anual é de 1,5%.

A região da escola da capital caracteriza-se por ser violenta, de população heterogênea, apresentando diversas atividades profissionais e o trabalho informal também tem lugar de destaque no contexto econômico.

O índice de desemprego é alto, os espaços de lazer são reduzidos, as residências e as famílias aglomeram-se em apartamentos de pequenas dimensões, a distância física dificulta o convívio e o cotidiano familiar.

O município do oeste paulista conta com 20.592 habitantes e sua taxa de crescimento populacional anual é de 0,82%. As atividades econômicas configuram-se em agricultura, pecuária e avicultura, e esta última emprega 1.500 pessoas no município.

A concentração dos alunos encontra-se em sua maioria distribuída em suas nove escolas públicas do município. A cidade caracteriza-se por sua tranquilidade, a ausência de shoppings, McDonald's, as famílias residem em casas planas, com quintais arborizados.

A organização das famílias também acontece pela proximidade física de suas residências, assim o cotidiano familiar é ao mesmo tempo extenso e intenso.

Das crianças que participaram do referido estudo, num total de 73 crianças, 34 delas são da escola pública da zona central da capital do Estado de São Paulo e 39 são da escola pública da zona urbana do oeste paulista, e freqüentam a 4ª série do Ensino Fundamental I.



As crianças receberam os questionários em um dia normal de aula e tiveram 40 minutos para responder às perguntas, com base em atividades rotineiras do convívio familiar.

O critério de inclusão das crianças para o estudo foi estarem cursando a 4ª série do Ensino Fundamental I, idade entre 9 e 10 anos e devolver aos pesquisadores a Carta de Apresentação da Pesquisa, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável.

As informações foram analisadas em planilha do Excel e posteriormente dispostas em gráficos, para as possíveis constatações de diferenças no cotidiano familiar de crianças da escola pública da zona central da capital da cidade de São Paulo e da zona urbana do oeste paulista.

A discussão foi baseada na confrontação dos dados obtidos com as referências dos autores citados na introdução deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao compilar e analisar as informações referentes à convivência dessas crianças, verificamos que, na capital, 23 crianças moram com o pai e a mãe (67%), 8 crianças moram somente com a mãe (24%), 1 criança mora com a mãe, avô e avó (3%), 1 criança mora com a mãe, avô, avó, tio e tia (3%) e, finalmente, 1 criança mora somente com o pai (3%).

No oeste paulista, 36 crianças moram com o pai e a mãe (92%), 2 crianças moram com a mãe (5%), 1 criança mora com a madrinha (3%).

Ao observarmos os Gráficos 1 e 2, as diferenças tornam-se visíveis e de fácil compreensão.

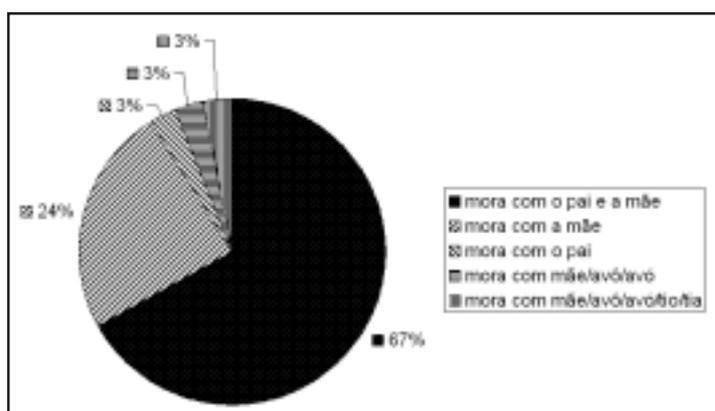


Gráfico 1- Convivência das crianças da capital



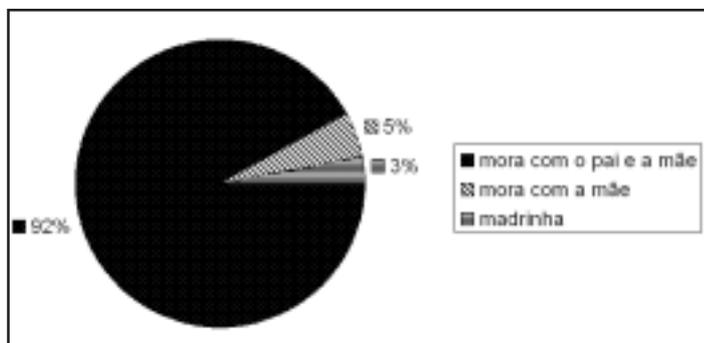


Gráfico 2 – Convivência das crianças do oeste paulista

A prevalência da estrutura nuclear familiar encontra-se evidente no oeste paulista, o que nos leva a inferir que ainda existe, no interior, uma estrutura familiar tradicional, fundada no convívio entre pais e filhos.

A ocorrência de um número maior de crianças que moram somente com a mãe, na capital, reflete transformações de núcleo familiar que podem ser ocasionadas pelas dificuldades e/ou possibilidades de maior anonimato e liberdade sexual das mulheres dessas últimas décadas, atreladas, talvez, à falta de informação significativa e dificuldades nas relações afetivas duradouras.

No que diz respeito à quantidade de irmãos, foi observado que, na capital 27 crianças têm irmãos (79%) e 7 crianças não têm irmãos (21%). Já, no oeste paulista, 38 crianças têm irmãos (97%) e apenas 1 criança não tem irmãos (3%).

Podemos observar as diferenças, quando confrontamos os Gráficos 3 e 4.

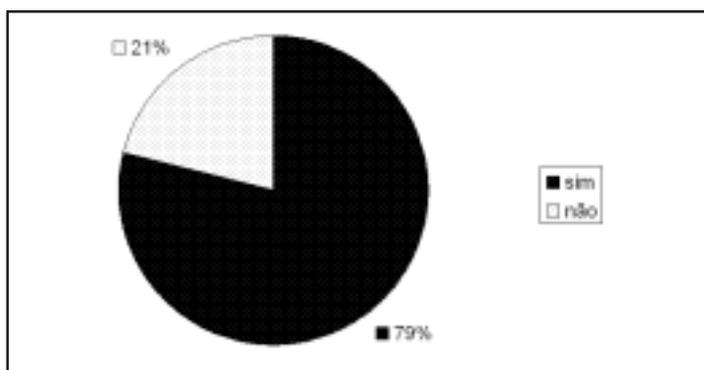


Gráfico 3 – Irmãos nas famílias da capital

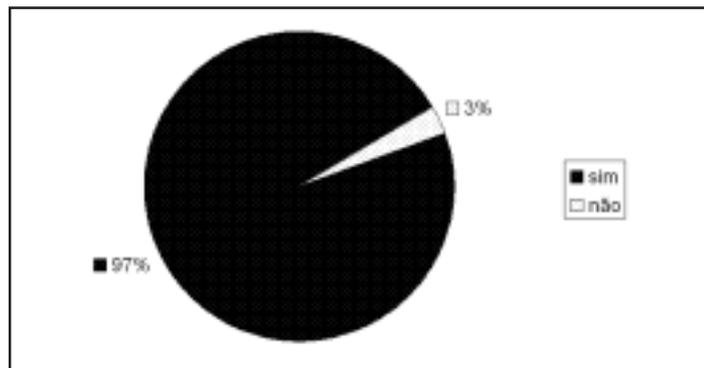


Gráfico 4 – Irmãos nas famílias do oeste paulista



Confirmando a estrutura nuclear das famílias do oeste paulista, percebemos que se mantém uma organização mais tradicional destas famílias. Parece existir um planejamento familiar que leva a esta constituição, os filhos configuram a evolução natural de uma união. Contrapondo estes dados, temos na capital um número de irmãos considerável, muito embora a estrutura familiar demonstra-se desorganizada, pois muitas crianças moram com avós, tios ou somente com a mãe.

Na questão que se refere ao castigo, observamos que, na capital, 17 crianças ficam de castigo (50%) e 17 crianças não (50%). No oeste paulista, 10 crianças recebem castigo (26%) e 29 crianças não (74%), de acordo com os Gráficos 5 e 6.

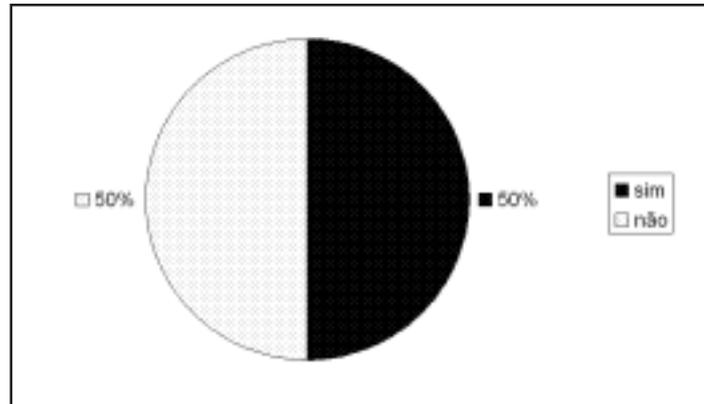


Gráfico 5 – Crianças da capital que recebem castigo

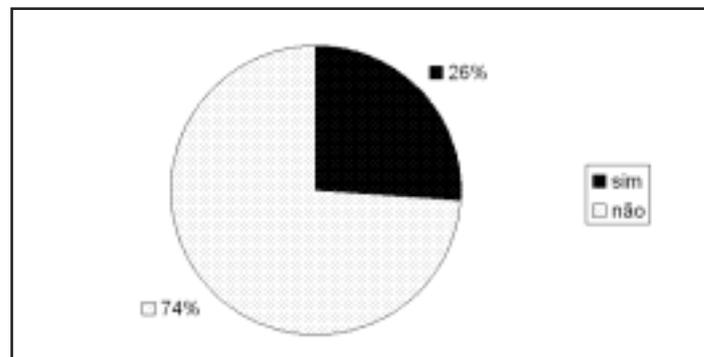


Gráfico 6 – Crianças do oeste paulista que recebem castigo

A significativa diferença entre as crianças que recebem castigo na capital e no oeste paulista pode revelar que o convívio expressivo com o pai e a mãe influi diretamente na questão dos limites oferecidos a estas crianças.

O fato das crianças, no oeste paulista, receberem pouco castigo demonstra mais uma vez a importância do cotidiano familiar ser vivido dentro de uma dinâmica passível de diálogo, de disposição de tempo, de troca de experiências com valores e de rituais que fortalecem o sentimento da família.

Observamos que 22 crianças da capital apanham de alguém, por algum motivo (65%) e 12 crianças responderam não apanhar (35%). No oeste paulista, 22 crianças apanham (56%), e 17 crianças não apanham (44%), conforme os Gráficos 7 e 8.



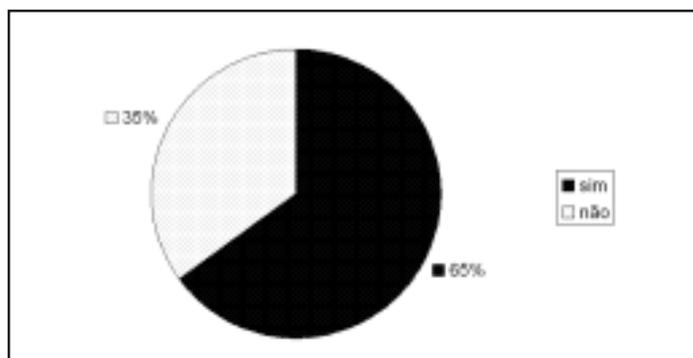


Gráfico 7 – Crianças da capital que apanham

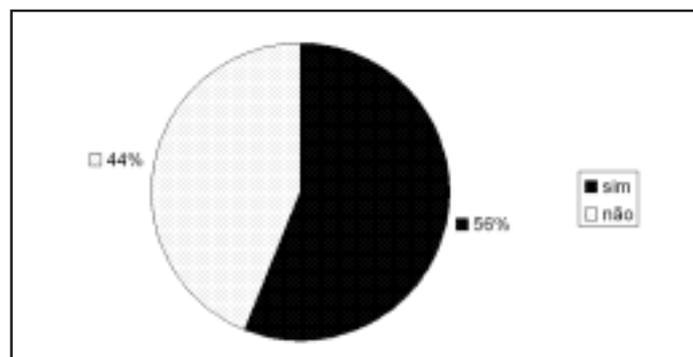


Gráfico 8 – Crianças do oeste paulista que apanham

É curioso compararmos este resultado com a questão anterior, referente ao castigo, o que nos leva a pensar que nas famílias do oeste paulista, o castigo é significativamente menor porque os pais devem exercer o papel do limite, tendo uma expressão direta na questão do 'não'.

Talvez, as famílias da capital sejam confusas, desorganizadas em relação aos papéis vividos pelos pais e expressem, ao aplicar o castigo, uma atitude benevolente de punição, por haver um sentimento de culpa e imobilidade frente ao convívio diário, ou seja, os pais que trabalham e não conseguem organizar-se para viver uma relação dinâmica e saudável com os filhos, impõem-se de outra maneira, que não a do diálogo. Assim, a existência de uma indefinição e incoerência na atitude dos pais leva a criança à falta de referências.

A respeito da questão 'Quem cuida de você?', na capital, 16 crianças são cuidadas pela mãe (47%), 12 pelo pai e pela mãe (35%), 3 crianças permanecem sozinhas (9%), 1 é cuidada pela avó (3%), 1 criança é cuidada pelo pai (3%) e 1 pela empregada (3%).

No entanto, no oeste paulista, 18 crianças são cuidadas pela mãe (46%), 11 pelo pai e pela mãe (28%), 4 crianças são cuidadas pelos irmãos (10%), 2 ficam sozinhas (5%), 2 são cuidadas pela avó (5%), 1 criança é cuidada pela madrinha (3%) e 1 criança é cuidada pelo tio (3%).



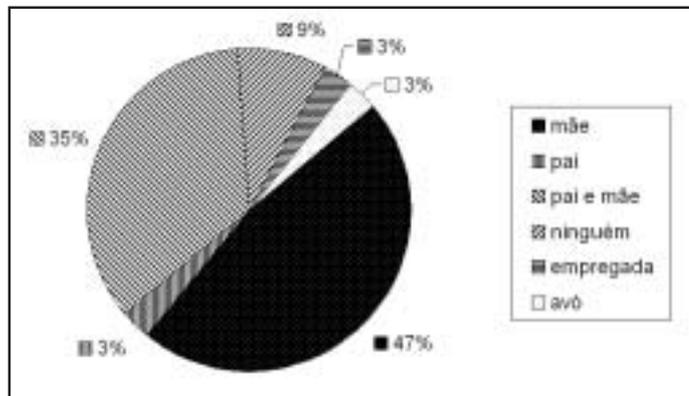


Gráfico 9 – Cuidadores das crianças da capital

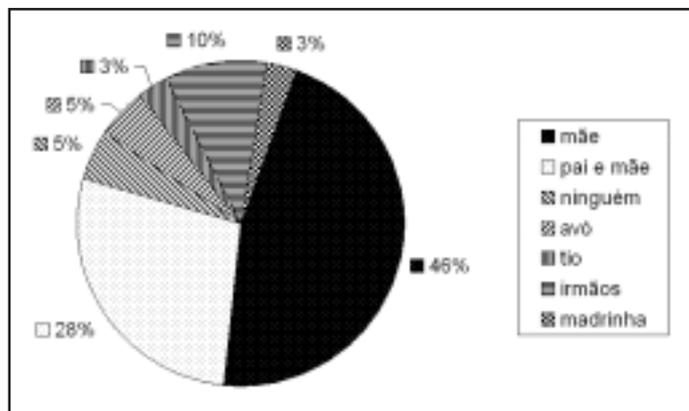


Gráfico 10 – Cuidadores das crianças do oeste paulista

Estabelecendo comparações possíveis, percebemos que há fundamental presença da mãe no cotidiano dessas crianças, o que nos leva a pensar que o papel exercido pela mãe é evidente na dinâmica familiar, embora haja diferenças na estrutura familiar da capital e do oeste paulista.

A mãe, como o porto seguro, revela-se geradora e cuidadora, o que, adicionado às atividades profissionais definidas, caracteriza uma jornada de trabalho dupla, presente no cotidiano. Na contemporaneidade, uma nova dimensão no papel de pai já pode ser observada, mas ainda competem à mulher as diretrizes educacionais da criança.

A última questão analisada foi a incidência de pais que trabalham. As respostas da capital evidenciaram 23 crianças cujo pai e mãe trabalham (68%), 9 crianças em que somente o pai trabalha (26%), 1 criança que só a mãe trabalha (3%) e 1 criança referiu que os pais não trabalham (3%). Entretanto, no oeste paulista, observa-se 28 crianças cujo pai e mãe trabalham (72%), 6 crianças somente o pai (15%), 3 crianças somente a mãe (8%) e 2 crianças com pais desempregados (5%).



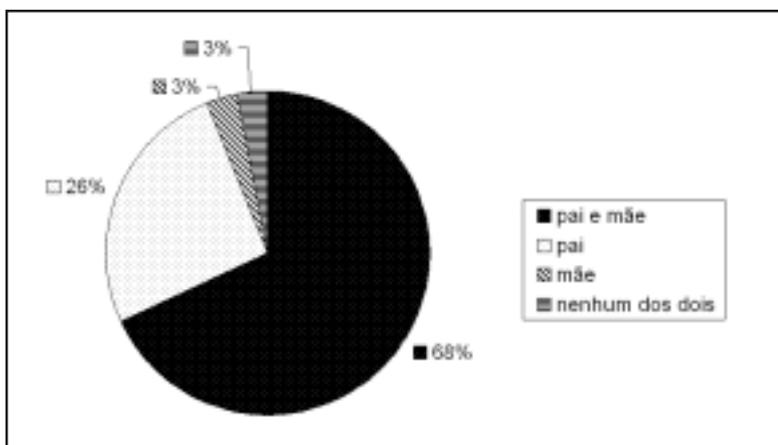


Gráfico 11 – Incidência de pais das crianças, que trabalham na capital

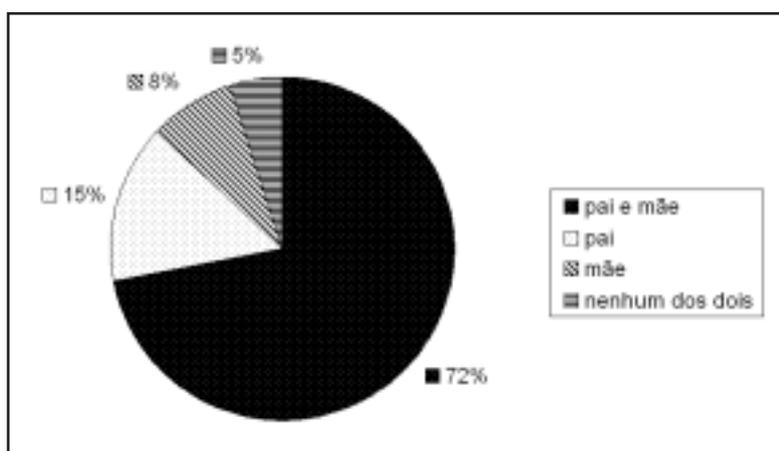


Gráfico 12 – Incidência de pais das crianças, que trabalham no oeste paulista

Independentemente dos pais trabalharem igualmente na capital e no oeste paulista, o cotidiano familiar vivenciado pelas crianças do interior parece revelar-se mais definido e não encontramos justificativas plausíveis, nesta questão, que confirmem o trabalho como fonte de desorganização familiar, inversão de papéis e impossibilidades de limites efetivos, como observado nas famílias da capital.

Finalizando esta discussão, concluímos que as famílias do oeste paulista nos levam a pensar num cotidiano familiar onde os papéis, mais definidos dos pais, objetivam uma estrutura familiar que sustenta as aprendizagens iniciais da criança, permitindo o convívio mais intenso entre os integrantes da família.

As informações revelam um sistema de circularidade da família, onde as relações estabelecidas não se apresentam linearmente e todas as alterações vivenciadas no cotidiano familiar organizam e desorganizam sua totalidade, objetivando novas possibilidades de adaptação na busca de novas situações de equilíbrio.



CONCLUSÃO

Considerando este trabalho como um projeto piloto, evidencia-se a importância de novas pesquisas e aprofundamentos sobre o tema, com um número maior de entrevistados, para que seja possível validar os argumentos apresentados na discussão, permitindo o desenvolvimento de um trabalho preventivo nas escolas, investindo na formação de pais, uma vez que estes são fundamentais na construção de referenciais que fundamentam uma sociedade organizada, participativa e solidária.

Acreditamos na importância e na valorização da vida familiar como condição única da humanização do homem. Dizer que a estrutura familiar apresenta-se decadente é uma incoerência, se acreditamos na construção de um mundo melhor, pois é nela que a criança tem a oportunidade única de viver intensamente seus afetos, frustrações, desejos possíveis e impossíveis.

Pensando a partir da estrutura espiral da família, as transformações que a sociedade vivencia atualmente talvez pareçam, à primeira vista, colocá-la num estágio retrógrado. A criança que tem origem em um cotidiano que priorize a convivência familiar com todos seus benefícios, aprendizagem de valores gregários, enfatizando a capacidade de estar junto, provavelmente na vida adulta investirá nestes modelos.

Em contrapartida, a criança que não oportunizou estas relações familiares, que determinam cartas marcadas na condição humana também pela falta, buscará vivê-las, reintegrá-las em sua vida adulta como busca de completude.

Este pensar, talvez seja a justificativa para a questão espiral e circular do cotidiano familiar, são avanços e retrocessos em um mesmo caminhar, em direção a uma estrutura familiar que priorize os vínculos afetivos.

Differences between daily family life between children of urban zones in São Paulo (capital) and the west of the State

ABSTRACT

Contemporary family has been the target of many studies. Family role in history has changed and new configurations appear. This work compares 73 children, from urban areas of São Paulo (capital) and the west area of the State. The theory that grounds this research reveals the importance of family daily life in the building of meaningful affective relations in children's social lives.

Keywords: Family. Children. Daily life.



REFERÊNCIAS

ÁRIES, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

ASSUMPTÃO JUNIOR, F. *Introdução ao estudo da deficiência mental*. São Paulo: Memnon, 2000.

BASTOS (SP). Prefeitura. *Dados estatísticos do município de Bastos*. Bastos, 2000.

CERVENY, C. M. de O. *Família e ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MACEDO, L. *Ensaio construtivistas*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OSÓRIO, L. C. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PRIORE, M. D. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. *Região metropolitana e município de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.prefeitura.SP>>. Acesso em: 8 maio 2003.

